



## **ENQUANTO O ÔNIBUS NÃO CHEGA: NARRATIVAS DE ESTUDANTES DA ZONA RURAL SOBRE O PROCESSO DE INCLUSÃO NA ESCOLA URBANA**

Jozeceleia Ferreira Carvalho<sup>1</sup>  
Hellen Thaís dos Santos<sup>2</sup>

**RESUMO:** Esta pesquisa teve por objetivo principal deslindar o processo de inclusão de estudantes da zona rural em escolas urbanas. A partir do problema: quais são os desafios dos estudantes da zona rural que utilizam o transporte escolar para se deslocar as escolas urbanas? Foram coletadas narrativas autobiográficas da pesquisadora e de três estudantes que moram na zona rural para compreender estas vivências, desde o uso do transporte público escolar como meio de locomoção da zona rural para a zona urbana, como suas impressões sobre sentirem-se incluídos. Como objetivos específicos buscamos: a) verificar aspectos da inclusão de estudantes por meio de mapeamento da produção acadêmica no Banco Digital de Teses e Dissertações-BDTD e b) analisar aspectos sobre a inclusão por meio das narrativas. Como metodologia foi utilizada entrevista narrativa autobiográfica apoiada por um roteiro, construído a partir de teses e dissertações que discutem a temática em tela. Em relação ao mapeamento da produção acadêmica, constatamos que a falta de escolas nas áreas rurais culminou numa política de transporte escolar e que dificultou inclusão escolar dos estudantes da zona rural. As narrativas evidenciaram o cotidiano dos estudantes da zona rural e seu percurso até as escolas da área urbana e seus anseios. As perspectivas narradas que sugerem um trabalho que vise a inclusão escolar efetiva para estes estudantes.

**Palavras chaves:** Inclusão; Educação no campo; Narrativas autobiográficas

## **WHILE THE BUS DOESN'T ARRIVE: NARRATIVES OF STUDENTS FROM RURAL AREAS ABOUT THE INCLUSION PROCESS IN URBAN SCHOOLS**

**ABSTRACT:** The main objective of this research is to unravel the process of inclusion of students from rural areas in urban schools. Based on the problem: how does the school inclusion of students from rural areas who use school transportation to travel to urban schools occur? Autobiographical narratives were collected from the researcher and three students who live in rural areas to understand these experiences, from the use of public-school transportation as a means of transportation from rural to urban areas, to their impressions about feeling included. As specific objectives, we sought to: a) verify aspects of student inclusion by mapping academic production in the Theses and Dissertations Database - BDTD and b) analyze aspects of inclusion through narratives. The methodology used was an autobiographical narrative interview supported by a script, constructed from theses and dissertations that discuss the topic in question. Regarding the

---

<sup>1</sup> Graduada em Pedagogia. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS, Maracaju, Mato Grosso do Sul, Brasil.

<sup>2</sup> Professora Adjunta Doutora na UEMS. Doutora em Educação pela UNESP/FCT



mapping of academic production, we found that the lack of schools in rural areas culminated in a school transportation policy that made it difficult for students from rural areas to be included in school. The narratives highlighted the daily lives of students from rural areas and their journey to schools in urban areas and their desires. The perspectives narrated suggest work aimed at effective school inclusion for these students.

**Keywords:** Inclusion; Education in the countryside; Autobiographical narratives

### **MIENTRAS EL BUS NO LLEGA: NARRATIVAS DE ESTUDIANTES DE ZONAS RURALES SOBRE EL PROCESO DE INCLUSIÓN EN LAS ESCUELAS URBANAS**

**RESUMEN:** Esta investigación tiene como objetivo principal desentrañar el proceso de inclusión de estudiantes de zonas rurales en escuelas urbanas. Partiendo del problema: ¿cómo es la inclusión escolar de los estudiantes de zonas rurales que utilizan el transporte escolar para desplazarse a escuelas urbanas? Se recogieron narrativas autobiográficas de la investigadora y de tres estudiantes que viven en zonas rurales para comprender estas experiencias, desde el uso del transporte público escolar como medio de transporte de las zonas rurales a las urbanas, así como sus impresiones de sentirse incluidos. Como objetivos específicos buscamos: a) verificar aspectos de inclusión estudiantil a través del mapeo de la producción académica en el Banco de Tesis y Disertaciones - BDTD y b) analizar aspectos de inclusión a través de narrativas. Como metodología se utilizó una entrevista narrativa autobiográfica, sustentada en un guión, construida a partir de tesis y disertaciones que discuten el tema en cuestión. En relación con el mapeo de la producción académica, encontramos que la falta de escuelas en las zonas rurales culminó en una política de transporte escolar que dificultó la inclusión de los estudiantes de las zonas rurales en la escuela. Las narrativas resaltaron la vida cotidiana de los estudiantes de las zonas rurales y su viaje a las escuelas de las zonas urbanas y sus deseos. Las perspectivas narradas sugieren un trabajo encaminado a la inclusión escolar efectiva de estos estudiantes.

**Palabras clave:** Inclusión; Educación en el campo; Narrativas autobiográficas

#### **Introdução**

Esta pesquisa tem como principal objetivo deslindar o processo de inclusão de estudantes da zona rural em escolas urbanas. Assim buscamos desvelar os desafios dos estudantes da zona rural que utilizam o transporte escolar para se deslocar as escolas urbanas. Para tanto, apresentamos reflexões sobre a inclusão escolar de estudantes da zona rural decorrentes da produção acadêmica que em sua maioria trazem narrativas acerca do fechamento de escolas rurais, fato que contribui para a exclusão de alunos do processo educativo, destoando do que se entende com educação inclusiva. Werle (2007, p. 10), ressalta que “[...] o tema da educação rural é pouco difundido como área de



pesquisa e de formação, seja em cursos de graduação, seja na Pós-Graduação”, o que qualifica e justifica esta pesquisa.

Este estudo tem como base uma pesquisa bibliográfica para subsidiar a temática proposta. Por conseguinte, um estudo de caso que parte da narrativa dos alunos, quando alguém narra fatos e situações vividos, há uma reconstrução desta trajetória, onde são atribuídos novos significados ao caminho percorrido (Cunha, 2010).

De acordo com Delory-Momberger (2012) a finalidade da pesquisa autobiográfica é aprender a singularidade de uma fala e de uma experiência. As discussões e tratativas quanto ao processo de inclusão nas instituições de ensino não são recentes, mas ainda exigem estudos direcionados, posto que a ideia de inclusão é ampla, podendo ocorrer em diferentes cenários, como é o caso da exclusão no âmbito da educação rural que na prática esbarra em muitos desafios. Deste modo, é imprescindível que o conceito de inclusão seja compreendido em sua amplitude. Posto que, a inclusão é a incorporação de pessoas historicamente excluídas à escola regular. (Magalhães *et al*, 2010), ocorrendo tanto em ambientes urbanos, e amplamente no meio rural como abordamos neste estudo.

O debate sobre inclusão escolar é produto de uma educação plural, democrática e transgressora que provoca uma crise de identidade institucional, pois impacta a identidade dos professores e proporciona ressignificação a identidade do educando (Mantoan, 2003). Por outro viés, esse conceito pode ser relacionado aos processos de gradativa democratização da escola como instituição de formação de homens e mulheres adequados às transformações sociais peculiares à revolução industrial e ao processo de desenvolvimento das forças produtivas no capitalismo. Nesse contexto, o acesso desigual aos bens e alguns segmentos da população não tiveram garantido o acesso à escola pelo Estado (Bueno, 2008).

De um modo geral, as pautas mais abrangentes do processo inclusivo na educação tratam da educação de pessoas com deficiência, a inclusão escolar implica a permanência e o sucesso no contexto da escola regular de alunos com deficiências. Entretanto, para que se efetivem ambientes escolares inclusivos, novas reflexões devem ser realizadas no âmbito da comunidade escolar, a fim de definir estratégias de ações, participação e organização do ensino. Além de combater atitudes discriminatórias construindo uma sociedade inclusiva. Salienta-se ainda que, a educação inclusiva será efetivada se o



sistema educacional for renovado, modernizado, abrangendo ações pedagógicas, porque a inclusão é desafiadora e os docentes devem fazer parte dessa mudança (Glat, 1999).

Os dois significados discutidos – inclusão escolar de modo geral e inclusão de pessoas com deficiência – articulam-se na medida em que pessoas com deficiência fazem parte do amplo e heterogêneo grupo de sujeitos sociais arredados da escola ou, no melhor dos casos, que conseguiram vagas em escolas especializadas. Contudo, constituir uma escola inclusiva nos leva a pensar nas relações que estão interligadas no sistema educacional, na função social da escola, na maneira de conceber e construir seu currículo e no contexto em que são geradas as ações pedagógicas.

Tratar de inclusão é discutir acerca do acesso como um todo, deve partir das questões que limitam o acesso dos estudantes a unidade escolar desde o deslocamento de suas residências. Partindo deste pressuposto, surge o seguinte questionamento: como se dá a inclusão escolar dos estudantes da zona rural que utilizam o transporte escolar para se deslocar as escolas urbanas?

Para nossa existência é primordial a comunicação, a linguagem no contexto de diálogo e saber ouvir, pois desde nossos antepassados a comunicação era a única forma de transmitir conhecimentos, quantas histórias saberes e experiências já ouvimos tudo através da narrativa passada de geração para geração. Neste sentido, buscamos trazer a história de vida da pesquisadora como ponto de partida para as discussões, o que justifica o interesse a autoria deste trabalho.

Compreendemos que narrar é potencializar o reconhecimento da pesquisa. Em medida que sua história de vida traz seus percursos pessoais e profissionais, conhecimentos com saberes produzidos ao longo do processo de formação (Passeggi; Barbosa, 2008). A seguir a pesquisadora, narra brevemente sua história de vida para corroborar para defesa dos estudos que visam discutir a inclusão escolar de estudantes da zona rural.

*Recordo-me com ternura minha infância, filha de pessoas humildes, irmã de dois irmãos sendo eu a mais nova, como meus pais não tinham estudo e a única coisa que sabiam fazer era lidar com a terra e os animais, sempre moramos no campo, e estudar era um privilégio porque nas fazendas onde morávamos não havia escolas rurais nem tão pouco um meio de transporte para nos levar para as escolas na área*



*urbana. Assim, íamos crescendo sem saber ler e escrever, minha mãe sempre quis que nossa vida fosse diferente, mas como? Se não podíamos nem ir para escola por falta de um meio de locomoção, foi então que meus pais decidiram se mudar para mais perto da cidade para que pudéssemos estudar, e para nós foi uma explosão de sentimentos misturada com receio de como seria, como seríamos recebidos, mas em fim nós mudamos, mais próximo a cidade, o perto não era tão perto a fazenda para onde nos mudamos fica a mais ou menos 8 km da cidade, mesmo assim íamos para a escola a pé, para nós era até divertido as vezes algumas pessoas de bom coração nos davam carona, saíamos de casa muito cedo e chegávamos já no escurecer. Sofremos preconceitos, pois nossa idade não era a adequada para a série que estávamos. Meus pais como medo de nos acontecer algo, pois os quilômetros que percorríamos eram à beira de uma rodovia, decidiram se mudar para a cidade, tudo para que pudéssemos estudar e ter uma vida melhor. Mas infelizmente as coisas só pioraram porque não tínhamos casa própria e o pouco que meu pai ganhava mal dava para as necessidades básicas, então para que ao menos pudéssemos comer melhor, voltamos para o campo e outra vez deixamos a escola, fiquei muito triste, mas era o melhor para todos nós. O tempo passou, sempre trabalhei muito nas fazendas em que morei, atuei como cozinheira e doméstica para ajudar meu esposo e dar condições melhores para nossos filhos. Em 2010 nos mudamos para uma fazenda na região de Maracaju, a mesma onde estou até hoje, mas tudo já era diferente a fazenda tinha ônibus próprio para levar as crianças para estudar na cidade, muitas coisas mudaram para melhor meus filhos podiam estudar. Em 2016 resolvi voltar a estudar, já que a fazenda tinha ônibus próprio e poderia deixar meu filho na creche e eu voltei para a escola, eu com 37 anos, nossa, agora uma pessoa adulta junto aos adolescentes, estudei na mesma sala de uma das minhas filhas no primeiro ano do ensino médio, terminei o ensino médio em 2018 até fizemos festa de formatura foi uma época maravilhosa, eu era a tia “Joze”, fazia bagunça me diverti .foi também neste ano que comecei a trabalhar no transporte escolar que já não era particular agora era a prefeitura que era responsável por nos levar para a cidade e desde então estou nesta área .Como já tinha acabado o ensino médio e era a hora de parar ou continuar decidi continuar, minha filha e eu fomos fazer o vestibular na cidade de Dourados, ela queria fazer direito e eu geografia. Eu mesma, fiz só para acompanhá-la e para minha surpresa passei na UFGD, mas na realidade fiquei mais uma vez frustrada, pois como eu iria para a faculdade se ainda morava no campo, minha filha não conseguiu e foi morar em campo grande para fazer Direito na Dom Bosco e eu pensei: desisto? Desistir de algo para mim era quase impossível, sou uma pessoa persistente posso não conseguir mas não desisto, então me inscrevi no PROUNI (Programa Universidade para todos) e consegui uma vaga em universidade a distância onde fiz licenciatura em pedagogia. Sei que as faculdades a distância não têm muita credibilidade e as pessoas acham que é muito fácil entre tantas outras coisas, bom eu não achei nada fácil porque tinha provas, trabalhos, fiz estágio supervisionado de 300h, fiquei surpresa com os*



*professores uma grande parte deu me a entender que não gostavam de estagiários o porquê não sei mas por fim terminei o curso. Entender minha trajetória tornou fundamental para desenvolver as discussões acerca do objeto de pesquisa que visa elucidar o processo de inclusão de crianças que vivem no campo. Ter uma carreira e ser bem sucedido profissionalmente e o desejo de todo estudante, mas quão difícil para as crianças da zona rural chegar à escola, muitas são as divergências enfrentadas neste trajeto: dificuldade nos horários de saída e de retorno que ocorre por voltas das 3:30h da manhã e o retorno por volta das 14:00 h da tarde isto quando não a nenhum imprevisto, lembrando que as escolas não oferecem almoço, e como os veículos públicos não tem ar-condicionado, as crianças enfrentam altas temperaturas no verão e baixa temperatura no inverno e com a instabilidade do clima, onde a dias de muitas chuvas deixando com que as estradas fiquem escorregadias e podendo ocasionar acidentes, deste modo fazendo com que o ônibus não faça o seu percurso completo, e na seca o pó é sufocante assim ocasionando muitas faltas e desmotivação que leva muitos alunos a desistência e a evasão escolar.*

Diante do exposto, cabe salientar que “toda narrativa autobiográfica implica a inserção de quem narra no mundo da vida, e está, portanto, marcada pela alteridade, pela voz do outro, pelo lugar do outro e o lugar que ocupamos na vida do outro e no seio de uma comunidade” (Passegi,2016, p.307). É possível observar que a partir da narrativa interpreta-se o presente, pois ao buscar as raízes e motivações no passado intencionamos discutir o futuro. Posto isto, para melhor compreensão do proposto, o estudo está estruturado em três seções.

Na primeira seção discutiremos aspectos da educação rural e educação do/no campo, questões da inclusão escolar e do direito educativo e a defesa da necessidade de se pensar a inclusão de estudantes que moram no campo, uma vez que aos estudantes do campo enfrentam barreiras no processo de inclusão de sua escolaridade. Na segunda seção apresentamos os procedimentos metodológicos, resultados e discussões. Por fim, apresentamos as considerações finais.

### **1. Da escola rural a escola do/no campo: breve debate sobre a inclusão escolar como um direito educativo para os sujeitos do moram no campo.**

No início deste trabalho discutimos brevemente o conceito de inclusão escolar, assim retomamos reafirmando que a inclusão é um movimento educacional que busca



garantir o acesso à educação, sendo valorizado, respeitado independentemente de suas diferenças, mas também social e político que defende os direitos de cada indivíduo e aceitar todos de forma igualitária, sem distinção visando o acolhimento e respeito. Assim, optamos por discutir a inclusão de pessoas com dificuldade de acesso à educação, estudantes do campo. Portanto, nesta seção não se tem a pretensão de traçar o estado da arte sobre as pesquisas em educação do campo, nem fazer uma exaustiva recuperação histórica sobre o tema tendo em vista os limites da pesquisa. Sendo assim, buscamos historicizar e compreender a educação no campo e a necessidade de inclusão dos estudantes.

A Constituição Federal de 1988, no art.3º, inciso trouxe como um dos objetivos fundamentais “promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação” (art.3º, inciso IV).Mendes (2006) explica que em 1990, foi realizada a Conferência Mundial sobre Educação para Todos promovida pelo Banco Mundial, Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) e Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). Nessa ocasião aprovada a Declaração Mundial sobre Educação para Todos.

Entendemos que a inclusão é essencial para o desenvolvimento dos estudantes deste modo todos têm a oportunidade de obter uma educação de igualdade e qualidade, a inclusão e diversidade têm que caminhar de mãos dadas para uma educação e socialização a que todos têm direito, permitindo que as crianças de diferentes saberes, origens, características troque conhecimentos tornando cada sujeito mais tolerante e respeitando o próximo, formando cidadãos que defendam as diferenças de todos e a luta contra a discriminação. Existe um sentido político e ético na luta pela garantia do ingresso, permanência e sucesso na escola que é o de garantir às gerações mais jovens o acesso ao conhecimento socialmente construído e acumulado pela humanidade. (Mendes, 2006)

Para que o processo de inclusão educacional de educando oriundos da zona rural ocorra de modo efetivo e igualitário, é necessário que se faça uma reflexão sobre: o que é educação do campo? É uma modalidade de ensino voltada para pessoas que vivem no campo e do campo, respeitando sua cultura, tendo essas crianças a educação infantil, ensino fundamental, médio e profissionalizante.



A educação rural no Brasil, por motivos socioculturais, sempre foi relegada a planos inferiores e teve por retaguarda ideológica o elitismo acentuado do processo educacional aqui instalado pelos jesuítas e a interpretação político ideológica da oligarquia agrária, conhecida popularmente na expressão – gente da roça não carece de estudos, isto é coisa para gente da cidade. (Leite, 1999, p.14)

A educação do campo vem sofrendo várias transformações desde os tempos colônias onde, tiveram um olhar para aqueles que vivem no campo e do campo, desde então as autoridades pensando na grande evasão que estava ocorrendo das pessoas do campo para a cidade, foi visto que era inerente as escolas rurais que oferecesse desde os anos iniciais até o ensino médio e profissionalizante, fazendo com que a população não abandonasse o meio onde viviam suas raízes, histórias e culturas pensando nestas pessoas foram implantado os projetos PRONERA, realizado em 1997, promovido por MST, UNB, UNESCO, UNICEF e CNBB, e a I Conferência Nacional de Educação do Campo, em 1998. (Silva, 2017)

A educação do campo nasceu com mobilização/pressão de movimentos sociais por uma política educacional para comunidades camponesas: nasceu da combinação das lutas dos sem-terra pela implantação de escolas públicas nas áreas de Reforma Agrária com as lutas de resistência de inúmeras organizações e comunidades camponesas para não perder suas escolas, suas experiências de educação, suas comunidades, seu território, sua identidade (Silva, 2017).

Cabe ressaltar que nasceu tomando/precisando tomar posição no confronto de projetos de campo: contra a lógica do campo como lugar de negócio, que expulsa as famílias, que não precisa de educação nem de escolas porque precisa cada vez menos de gente, a afirmação da lógica da produção para a sustentação da vida em suas diferentes dimensões, necessidades, formas. (Silva, 2017). Deste modo, a educação do campo tornou-se, assim, um posicionamento político criado pelos movimentos sociais do campo e adotado pelas políticas públicas a partir de 2003.

Ainda nesse viés do nascimento pontuamos que ao nascer lutando por direitos coletivos que dizem respeito à esfera do público, nasceu afirmando que não se trata de qualquer política pública: o debate é de forma, conteúdo e sujeitos envolvidos. A Educação do Campo nasceu também como crítica a uma educação pensada em si mesma



ou em abstrato; seus sujeitos lutaram desde o começo para que o debate pedagógico se colasse à sua realidade, relações sociais concretas, de vida acontecendo em sua necessária complexidade. (Caldart, 2007)

Com isso, as crianças e jovens, até mesmo aqueles que não havia terminado os estudos na idade certa poderia terminar seus estudos, deste modo os sertanejos não perderiam sua identidade. Desta forma, a noção de educação do campo ressignifica a proposta educacional para o meio rural, a partir de seus sujeitos e ambientes, em meio a sua diversidade cultural, territorial, ambiental, social. (Caldart, 2007)

As escolas “do” campo são consideradas aquelas cujos projetos político-pedagógicos estão vinculados às causas, aos desafios, aos sonhos, à história e à cultura do povo do campo. Será que a educação brasileira tem condições de ter escolas no campo ou ainda escolas do campo? Essa questão nos lembra estes desafios: a falta de políticas públicas e o descompasso entre os princípios, concepções e métodos pedagógicos que forneçam maiores condições para se assumir uma educação específica do campo. Quando são implementadas algumas tratativas, na prática, pouco tem se desenvolvido. Na Conferência Nacional de Educação ficou estabelecido apontamentos como,

Criar e manter as escolas do campo de acordo com os padrões básicos de infraestrutura que contemplem: transporte escolar intracampo, equipamentos tecnológicos de informação e comunicação agrícolas, material didático, acervo bibliográfico, quadra esportiva, laboratórios científicos e de informática com acesso à internet com qualidade, a qualificação e formação continuada para o uso das tecnologias pelos/as educadores/as, custeadas pelo poder público, salas de aula adequadas e equipadas. (Conferência Nacional de Educação - CONAE 2010, p. 136).

A lei 9.399/96, em seu Art. 28, expressa o direito da população rural de ter ensino de qualidade respeitando suas diversidades (Brasil, 1996), mas no cotidiano não é o que a realidade nos mostra, pois ainda hoje mesmo com políticas de educação para a área rural, observa-se uma grande evasão escolar por parte não só dos alunos, mas também por parte dos profissionais da educação devido à falta principalmente de valorização.

Acredita-se que a falta de incentivos requer que sejam desenvolvidos estudos direcionados a essa problemática para que políticas públicas sejam implementadas de modo efetivo. Essas tratativas devem considerar não só a questão do acesso as instituições de ensino, mas também o modo como esses educandos serão tratados, acolhidos,



respeitados considerando as suas limitações, bem como as implicações que limitam o acesso deste a educação. A formação continuada dos profissionais também deve ser contemplada, pois muitos “docentes não estão preparados para um ensino inclusivo, especialmente por centralizar as abordagens pedagógicas na funcionalidade da vida diária e não conhecerem a alfabetização científica (Sousa, 2020, p. 20).

Há uma enorme escassez de dados e análises sobre a educação no campo. Sabe-se que até 1998 apenas 2% das pesquisas nos programas de pós-graduação dizem respeito ao campo e não chegam a 1% as que tratam da educação escolar no meio rural. Outro problema é o analfabetismo nomeio rural, que chega a 32,7% da população acima de quinze anos. Essas pessoas estão excluídas do acesso à leitura e à escrita que é um direito elementar de todo cidadão. O Governo Federal consola-se com dados de redução do analfabetismo no país que chegam a 15,6% de analfabetos em todo o país, ou seja, cerca de vinte milhões de pessoas. Esconde, no entanto, os dados referentes ao meio rural, sem contar os estados que não tiveram a pesquisa, além de não ter um projeto político-pedagógico comprometido com a alfabetização e a pós-alfabetização (Nascimento, 2006, p. 872).

De acordo com Silva (2017) a educação do campo não equipara a educação urbana sendo muito insuficiente, considerando a falta de material didático, apoio aos gestores, coordenadores a grande desvalorização dos professores e os demais colaboradores da escola do campo. Desde modo os pais pensando no futuro de seus filhos e melhoria de vida levando seus filhos para escolas urbanas, mas infelizmente eles teriam de sair do campo e assim fazer uso do transporte escolar público, como percurso cheio de desafios como: ônibus em más condições de uso, calor, frio fome e uma grande permanência destes alunos dentro de um transporte escolar, tendo assim esses alunos um rendimento abaixo do esperado.

### **3. Procedimentos Metodológicos**

Esta pesquisa tem caráter qualitativo, uma vez que apresenta narrativas da pesquisadora, de estudantes que coadunam com a abordagem autobiográfica e se apoia em mapeamento bibliográfico realizado na BDTD para avaliar a produção sobre a temática. Assim, o que se busca é o entendimento de fenômeno, na sua complexidade, portanto entendemos que uma análise qualitativa seja a mais indicada para esta pesquisa.



André (2001, p. 54) explicita que nas duas últimas décadas, assistiu-se a uma mudança no contexto de produção dos trabalhos de pesquisa.

Se, nas décadas de 1960 a 1970, o interesse se localizava nas situações controladas de experimentação, do tipo laboratório, nas décadas de 1980 a 1990, o exame de situações “reais” do cotidiano da escola e da sala de aula é que constituiu uma das principais preocupações do pesquisador. Se o papel do pesquisador era sobremaneira o de um sujeito de “fora”, nos últimos dez anos, tem havido uma grande valorização do olhar “de dentro”, fazendo surgir muitos trabalhos em que se analisa a experiência do próprio pesquisador ou em que este desenvolve a pesquisa com a colaboração dos participantes. (grifos nossos) (André, 2001, p. 54)

Nesta direção, entendemos que a investigação científica de caráter qualitativo não busca os “resultados”, mas obter “a compreensão do comportamento dos sujeitos a partir de suas perspectivas, correlacionado como contexto de que fazem parte. (Bogdan; Biklen, 1994)

### **3.1 Primeiras aproximações: levantamento de trabalhos na BDTD sobre educação no campo e escolas rurais na perspectiva da inclusão escolar**

Nesta subseção apresentamos o Quadro 1, com o levantamento de cinco teses e dissertações sobre a inclusão dos estudantes do campo em escolas urbanas. Para o mapeamento utilizamos os seguintes descritores: *inclusão*; *educação no campo*; *escolas rurais*. Após apresentamos as principais pesquisas que se relacionam com o tema, apresentamos as principais ideias.

**Quadro 1- Mapeamento bibliográfico - BDTD**

NOME DO TRABALHO/AUTOR	ANO/ INSTITUIÇÃO/ TESE
Silva, Adriana Maria da. Fechamento das escolas rurais e consolidação do transporte escolar dos assentados de São Domingos dos Olhos D'água: Morrinhos e Goiatuba (Goiás)	2017 <a href="http://www.btdt.ueg.br/handle/tede/1142">http://www.btdt.ueg.br/handle/tede/1142</a>
Gularte, Ingrid da Silva. Educação do campo: uma análise do transporte escolar rural na percepção dos alunos	2023 <a href="https://dspace.unipampa.edu.br/handle/rii/7921">https://dspace.unipampa.edu.br/handle/rii/7921</a>
Vieira, André Vitorino. O Atendimento Educacional Especializado nas Escolas Rurais de Uberlândia - MG: a interface entre Educação Especial e Educação do Campo	2020 <a href="https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/30497">https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/30497</a>



<b>Rocha, Carlos Antonio.</b> Análise do financiamento da educação em Bela Vista de Goiás e sua relação com o fechamento das escolas rurais	2022 <a href="http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/4861">http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/4861</a>
<b>Baumam, Siuzete Vandresen.</b> Da vida das escolas rurais isoladas a uma escola isolada da vida rural: aprendizagens do processo de nucleação em Santa Rosa de Lima	2012 <a href="http://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/103417">http://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/103417</a>

Fonte: elaborado pelas autoras a partir da BDTD

De acordo com a tese “Fechamento das escolas rurais e consolidação do transporte escolar dos assentados de São Domingos dos Olhos D’água: Morrinhos e Goiatuba (Goiás)” de Silva (2017) há relação do fim das escolas rurais e o transporte escolar em que se aborda a não garantia do direito das crianças a estudarem próximas às suas casas; com isso a desistência escolar ficou nítida por conta da qualidade do transporte escolar e a viagem da zona rural até as escolas da área urbana.

O trabalho “Educação do campo: uma análise do transporte escolar rural na percepção dos alunos” de Silva (2023) discutiu as políticas públicas para a permanência das crianças à escola, como isso é de fundamental importância os meios de transporte públicos sendo por terra ou água para os alunos do campo, sendo esse o alicerce para um desenvolvimento da educação para todos, assim sendo o responsável pelo acesso e permanência das crianças e adolescentes tendo como base no (PNAD,2015).

A tese “O Atendimento Educacional Especializado nas Escolas Rurais de Uberlândia-MG: a interface entre Educação Especial e Educação do Campo”. de Vitorino (2020) se refere às crianças da zona rural de Ribeirão Preto (MG) que mesmo com poucos recursos e falta de apoio público municipal, têm o mesmo atendimento com a mesma qualidade dos estudantes sem deficiências. A pesquisa relata que mesmo com as dificuldades por conta de falta de infraestrutura nas escolas, que dificulta a acessibilidade das crianças e sem recursos de materiais didáticos e equipamentos, as crianças especiais têm a educação especializada graças a persistência e o empenho dos professores.

A tese “Análise do financiamento da educação em Bela Vista de Goiás e sua relação com o fechamento das escolas rurais” de Rocha (2022) defende que fechar escolas rurais é tirar a identidade e a culturas das pessoas que ali vivem. Usando até da artimanha o poder público diz que a educação ofertada nas escolas urbanas tem uma maior qualidade de aprendizado e suporte e valorização dos profissionais. No entanto, é evidente que as



escolas rurais trazem um grande gasto ao poder público, pois são muitas escolas e poucos alunos, mas esquecem que estão tirando dessas crianças a convivência com seus familiares, mesmo que oferecem o transporte público.

A dissertação “Da vida das escolas rurais isoladas a uma escola isolada da vida rural: aprendizagens do processo de nucleação em Santa Rosa de Lima, de Vandresen (2012) analisa o fechamento de escolas rurais, remanejando os alunos para uma única escola na área urbana ou próximo fazendo uma nucleação, as crianças teriam turmas uniseriadas pensando na melhoria do aprendizado, mas sem pensar no impacto sociocultural trazendo maior dificuldade para a inclusão mesmo que o fechamento das escolas rurais tenha sido com o objetivo de melhor qualidade de educação e práticas pedagógicas, mas de acordo com a autora a realidade das práticas pedagógicas continuava inalteradas deixando a formação do sujeito sem melhorias.

Analisamos que pensar no processo inclusivo dos estudantes do campo ainda consiste numa complexidade no Brasil, com a análise Dos trabalhos em questão notamos claramente a falta uma política pública inclusiva, de responsabilidade do poder público. O fechamento de escolas rurais trouxe desmotivação tanto dos professores quanto dos alunos que são obrigados a deixar o meio onde vivem sua cultura, ir para uma escola urbana.

Além disso, ao analisar aspectos destes trabalhos que tratam da educação do campo, verificamos que apontam altos índices de analfabetismo e a evasão escolar, ocasionadas geralmente pelas diferenças sociais, econômicas, culturais, ambientais de cada região. Outra ocorrência que impede a inclusão dos estudantes é política de fechamento das escolas rurais, obrigando o deslocamento das crianças e jovens para escolas da cidade por meio do transporte escolar. Nesse sentido, interpretamos que o transporte escolar não pode ser considerado apenas uma opção, mas o único meio de acesso às escolas localizadas em áreas urbanas. Assim fechamento das escolas rurais retira do sujeito o direito de estudar em uma escola próxima a sua casa, isto é, exclui de seu próprio meio e não inclui de modo adequado nas escolas urbanas.

### **3.2 Do contexto pesquisa às narrativas dos estudantes do campo.**



A pesquisa foi desenvolvida no município de Maracaju, e na zona rural cabe pontuar que Mato Grosso do Sul ocupa a sétima posição nacional no agronegócio segundo os dados do Mapa (Ministério de Agricultura e Pecuária). Esta cidade fica a 160 km da capital do Estado (Campo Grande) ela ocupa o primeiro lugar no agronegócio do estado, e como isso podemos considerar a grande quantidade de pessoas que vivem no campo e do campo, sendo assim a quantidade de pessoas que moram na zona rural e cada vez mais crescente.

No que tange a questão do setor de transporte escolar rural de Maracaju observou-se que a frota é composta por um quantitativo de 59 ônibus escolares, com linhas de origem nos três períodos de aula, matutino, vespertino e noturno. O efetivo atende cerca de 1.528 alunos da área rural para as escolas municipais, estaduais e privados da referida cidade, essa quantidade de crianças pode aumentar ou diminuir durante todo o ano letivo, pois muitos alunos acabam se mudando de cidade.<sup>3</sup> Estas informações demonstram que há falta de política educativa que atenda a população que reside no campo, e busca incluí-la nos mesmos moldes das escolas da zona urbana.

Nesta pesquisa optamos pela narrativa autobiográfica, como método e fonte de pesquisa, trazendo para o eixo central histórias vivenciadas de estudantes que moram no campo e estudam na cidade usando o transporte escolar público como meio de locomoção. Utilizamos o percurso feito dentro de um ônibus escolar para entrevistar três estudantes<sup>4</sup>, partindo da contribuição dos estudantes e de suas narrativas para que possamos compreender suas experiências de socialização e inclusão, assim construindo conhecimentos através de sua história de vida. A narrativa autobiográfica traz autoconhecimento do sujeito num processo de emancipação educativa. (Delory-Momberger, 2012; Santos e Garms, 2011)

Para realização da entrevista utilizamos um roteiro elaborado conforme (Santos, 2017). Este roteiro norteou as entrevistas, em que principal objetivo foi ativar a memória dos participantes. Como sujeitos de pesquisa entrevistamos duas crianças que moram no campo e uma estudante do ensino superior. O critério de escolha se deu pela

---

<sup>3</sup> Consulta a rede municipal.

<sup>4</sup> Nesta etapa contamos com um roteiro de questões e utilizamos o Termo de consentimento livre e esclarecido.



voluntariedade dos participantes, durante o trabalho de campo consultamos os responsáveis das crianças e demais estudantes e três se voluntariaram a participar. No caso das crianças houve consentimento dos responsáveis por meio do Termo de consentimento Livre e Esclarecido – TCLE. Assim, seguem nos próximos parágrafos narrativas autobiográficas de estudantes moram no campo. Transcrevemos e analisamos as narrativas de três estudantes que moram na zona rural de Maracaju.

Qual é a percepção dos estudantes que moram no campo sobre seu processo de inclusão nas escolas urbanas?

*Moro na fazenda união, acordo às quatro horas da manhã e escovo meus dentes minha mãe me arruma e fico no ponto esperando o ônibus chegar para ir à escola, às vezes eu durmo, fico quietinho, tenho amigos no ônibus levo lanche e divido com meus colegas eu gosto do percurso até a escola .(estudante K.)*

Ao analisar a fala de K. concordamos com Silva (2017) aponta que o transporte escolar retirou o direito do estudante a educação de qualidade. Assim, o fim das escolas rurais, e o transporte escolar rural, significaram a exclusão destes estudantes.

*Meu nome é O. tenho 11 anos estudo na escola municipal João Pedro Fernandes na cidade de Maracaju no 6º ano, vou contar como e minha viagem da fazenda União onde eu moro até minha escola ,bom acordo sempre às quatro horas da manhã me arrumo minha mãe sempre me ajuda pois já tem três anos que moro nessa fazenda e faço a mesma viagem todos os dias, vou para o ponto não tomo café da manhã porque e muito cedo e não sinto fome; o ônibus chega por volta das 4:30 sento no meu lugar a tia J. diz coloquem o cinto de segurança e vamos para a próxima parada O. Até que a ida e mais tranquila porque a maioria vai dormindo e não é tão quente , chego a minha escola por volta de 6:35 e volto para o ônibus as 11:40,a volta e um pouco mais ruim além da fome tem o calor e parece que demora mais tempo pra chegar em casa , e também tem uns colegas que a tia (J.) sempre chama a atenção eles fazem muita bagunça mas eu gosto, nós nos divertimos fazemos novos amigos e pra nós que moramos na fazenda eu uma forma de sair de casa. Poderia melhorar os ônibus com um ar-condicionado seria muito bom. (estudante O.)*

A narrativa de O fica claro que a viagem é longa e cansativa, mesmo assim é a única forma de sair da sua rotina e poder conhecer novas pessoas e fazer novos amigos, para K e O à inclusão acontece de forma natural e sucessivamente não causando nem um tipo de frustração. A seguir transcrevemos a narrativa da estudante de graduação J:



*Olá, me chamo J. tenho 23 anos, estou no nono período de direito e desde a primeira série fiz uso do transporte rural, uma vez que sempre morei em ambientes rurais e o que posso dizer é que era mais do que uma prova de resistência. Desde horários muitos contraditórios, uma vez que se estudássemos pela manhã tínhamos que nos levantar antes do sol, muitas vezes antes das 4:00 horas da manhã para enfrentar de 2 a 3 horas de transporte para termos acesso a escola. Com isso, chegávamos à casa bem depois do horário de almoço, cerca das 14:00 horas da tarde e a maior luta já não era com o sono como na ida, mas sim com a fome. E quando estávamos no período vespertino? A luta ainda era a mesma, uma vez que, muitas crianças passavam mal, pois havia acabado de almoçar e já iam para escola, nesse contexto chegávamos muito após o sol ter se posto, por cerca das 19:00 horas. Mas não era somente com a fome e o sono que tínhamos que lidar. Além de vômitos e cochilos tínhamos o grande problema da poeira sem fim, em período da colheita de cana onde carretas com três vagões eram utilizadas a poeira do solo se fazia presente em nós. E com isso as mães elaboravam as mais diversas soluções, como ir com outra roupa e se trocar na escola para poder chegar com o mínimo de dignidade na sala de aula, até mesmo camisetas já velhas amarradas ao rosto para aqueles que tinham problemas respiratórios. Desse modo, pensar que a chuva seria a solução para nossos problemas é um enorme engano. As estradas de terra não suportavam a chuva, bem como as pontes que o rio passava acima das mesmas. Com isso semanas de aula eram perdidas e quando mesmo com a chuva íamos a escola ficariamos atolados, nessas horas sem sinal de telefone as fazendas mais próximas de onde estávamos presos se prontificaram a usar de tratores para puxar o ônibus, logo víamos os pais com enorme desejo de que os filhos fossem letrados desbravarem a chuva para livrar o ônibus do barro incessante. E como as crianças lidavam com o confinamento ao estar atolados? Da melhor forma, onde se via a empatia com tanta diversidade ao dividir o lanche simples e a água com os menores até que alguém viesse nos socorrer. Além disso, podíamos contar com os professores que nesse ponto nos livraram da falta, permitiam que fizessemos trabalhos e provas que tivéssemos perdido e as inspetoras chamadas carinhosamente chamadas pelos alunos de tias nos permitam se limpar em um local da escola onde havia um tanque era um banho de gato na torneira para não sujar as folhas brancas do caderno. Não obstante, as demais crianças da escola caçoavam dos alunos da área rural, sempre achando que nós, alunos vindos de fazendas éramos aquele estereótipo de caipira que falava*



*errado e vivia com a enxada na mão. O que nos levava a grandes conversas de como as coisas realmente são e que sim temos acesso à internet, energia, água encanada, onde não precisávamos nos deslocar até o rio mais próximo para tomar banho. Por consequência, muitos alunos ao chegar na adolescência abandonaram a escola e com isso o ensino, as dificuldades eram tantas que muitos optaram pelo trabalho braçal ou mesmo seguir a profissão do pai ao continuar na escola. E com grande tristeza que eu afirmo que dos meus companheiros de ônibus apenas minha mãe, eu e um amigo concluiu ou está para concluir um curso superior hoje.*

Na narrativa da estudante de graduação J destacamos o abandono de muitos de seus colegas de classe. Em relação ao transporte público a estudantes nos leva a compreender que não houve a inclusão escolar necessária para que os adolescentes conseguissem superar as brincadeiras de mau gosto a falta de empatia dos alunos da cidade. Nesta narrativa me vem à pergunta e se esses alunos não precisassem sair da zona rural para estudar seria diferente, teriam terminado seus estudos? Portanto, falta uma política pública voltada para a educação do campo, falta de infraestrutura de uma escola no campo com qualidade desejada, profissionais preparados.

Consideramos que “a atividade biográfica não fica mais restrita apenas ao discurso, às formas orais ou escritas de um verbo realizado. Ela se reporta, em primeiro lugar, a uma atitude mental e comportamental, a uma forma de compreensão e de estruturação da experiência e da ação, exercendo-se de forma constante na relação do homem com sua vivência e com o mundo que o rodeia” (Delory-Momberger, p.525, 2012).

Portanto, as narrativas autobiográficas demonstram que muitos dos estudantes abandonaram as salas de aula por falta de inclusão escolar, por não se sentirem amparados pela comunidade escolar que não lhe oferecia um projeto de acolhimento e implementação de uma política voltada para educação escolar que preveja vivência em uma escola urbana revendo horários, atividades, práticas pedagógicas e outras especificidades.

#### **4. Considerações finais**



Esta pesquisa teve como objetivo deslindar o processo de inclusão de estudantes da zona rural, que usam diariamente o transporte escolar para se deslocar para as escolas. Em relação ao mapeamento da produção acadêmica, constatamos que a falta de escolas nas áreas rurais culminou numa política de transporte escolar e que gerou mais exclusão do que inclusão. Os trabalhos mapeados apontam altos índices de analfabetismo e a evasão escolar, ocasionadas geralmente pelas diferenças sociais, econômicas, culturais, ambientais de cada região. Diante disso, a pesquisa evidenciou a necessidade de uma política inclusiva para estudantes da área rural que fazem uso do transporte escolar.

Em relação às narrativas autobiográficas compreendemos que estudantes abandonaram as salas de aulas por falta de inclusão, por não se sentirem amparados pela comunidade escolar. Além disso, as narrativas evidenciaram, de forma subjetiva o cotidiano dos estudantes área rural e seu percurso até as escolas da área urbana, seus anseios e suas perspectivas vividas. Diante dos limites de pesquisa de especialização deixamos questões abertas para que outros pesquisadores possam dar outras contribuições sobre a inclusão escolar nesta temática.

## REFERÊNCIAS

ANDRÉ, M. E. D. A. Pesquisa em educação: buscando rigor e qualidade. Cadernos de Pesquisa, n. 113, p. 51-64, 2001

CALDART, R. S. Sobre Educação do Campo: III Seminário do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária. Luziânia, GO. 2007.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal: Porto Editora, 1994.

BRASIL. Emenda Constitucional nº 14 de 1996. Modifica os artigos 34, 208, 211 e 212 da Constituição Federal e dá nova redação ao art. 60 do Ato das Disposições Constitucionais transitórias. Disponível em: [http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/ec14\\_96.htm](http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/ec14_96.htm). Acesso em: 08 nov. 2012.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF, 20 de dez. 1996. Disponível em: . Acesso em: 23 ago. 2010.

BUENO, J. G. As políticas de inclusão escolar: uma prerrogativa da educação especial? In BUENO, J. G.; MENDES, G. M. L.; SANTOS, R. (Orgs). *Deficiência e*



*escolarização: novas perspectivas de análise*. Araraquara: Junqueira Marins, 2008. p.43-66.

CONAE - Conferência Nacional de Educação. Construindo o Sistema Nacional Articulado de Educação: o Plano Nacional de Educação, Diretrizes e Estratégias de Ação. Documento Final. Brasília: Imprensa Oficial, 2010.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. *Rev. Bras. Educ.* [online]. 2012, vol.17, n.51 [2024-08-29], pp.523-536. Disponível em: [http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141324782012000300002&lng=pt&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141324782012000300002&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 29 ago.

GLAT, R. Integração Social dos portadores de deficiência: uma reflexão. *Temas em Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, 1999. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X1995000200010](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1995000200010). Acesso em: 29 ago.

LEITE, Sérgio Celani. *Escola rural: urbanização e políticas educacionais*. São Paulo: Cortez, 1999.

MANTOAN, M. T. E. *Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?* São Paulo: Moderna, 2003.

MENDES, E. G. A radicalização do debate sobre inclusão escolar no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, v. 11, n. 33, p. 387-529, set./dez. 2006.

MAGALHÃES, R.C.B.P. In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. *DICIONÁRIO: trabalho, profissão e condição docente*. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CDROM

NASCIMENTO, Claudemiro Godoy do. Educação e Cultura: as escolas do campo em movimento. *FRAGMENTOS DE CULTURA*, Goiânia, v. 16, n. 11/12, p. 867-883, nov./dez. 2006. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/view/184/147>. Acesso em: 30 de agosto de 2024.

PASSEGGI, Maria da Conceição. A pesquisa (auto)biográfica: por uma hermenêutica descolonizadora. *Coisas do Gênero*, São Leopoldo, v. 2, n. 2, p. 302-314, ago.-dez. 2016.

SANTOS, Hellen Thaís dos; GARMS Gilza Maria Zauhy. Método autobiográfico e metodologia de narrativas: contribuições, especificidades e possibilidades para pesquisa e formação pessoal/profissional de professores. II Congresso Nacional de Formação de Professores XII Congresso Estadual Paulista sobre Formação de Educadores, 2014. p. 4094-4016.



SILVA, Adriana Maria. Fechamento das escolas rurais e consolidação do transporte escolar dos assentados de São Domingos dos Olhos D'água: Morrinhos e Goiatuba (Goiás). 2017. 146 f. Dissertação (Mestrado em Ambiente e Sociedade) - Câmpus Sul - Sede: Morrinhos, Universidade Estadual de Goiás, Morrinhos,GO.

SANTOS, H. T. A constituição da profissionalização docente em creche: narrativas autobiográficas. Curitiba: CRV, 2017. DOI <https://doi.org/10.24824/978854441869.7>.

SOUSA, B. L. C. M. de. A Mochila Sensorial de Ciências: o uso de recursos didáticos adaptados e/ou adequados no Ensino de Ciências para estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA). 2020.

**Recebido em: 05/12/2024**

**Aceito em: 20/12/2024**